

## ABERTURA

*A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás;  
mas só pode ser vivida olhando-a para frente.*

### **FAMÍLIA RABELO: A história de um tempo**

A todos, bom dia!

Dizem que recordar é viver! Aqui estamos para isso! Recordarmos a história de quatro vidas, colunas mestras dessa família, revivendo, assim, as raízes de nossa própria existência. Os Rabelos sobreviveram ao próprio tempo, e aqui estão! Portanto, voltaremos no tempo, até onde as lembranças e os relatos familiares alcançam.

Tudo se iniciou ali pelos idos dos anos 30, em Santa Rosa, município de Coromandel, quando dois jovens se uniram em matrimônio: Manoel Rabelo de Araújo, mais conhecido por Romeu Rabelo, filho de Sebastião Rabelo de Araújo e Prudenciana Leopoldina de Resende. Ela, Veridiana Assunção, carinhosamente chamada por Veride, era filha de José Joaquim de Assunção (Sr. Zequinha Bento) e Cândida Silvéria (Dona Ducha). Depois de casados, moraram durante um tempo na fazenda dos Motas, em Abadia dos dourados. Lá, nasceram suas três filhas: Maria Arújo, Prudenciana (a Zica) e Cândida (A Doquinha). Após esse período, vieram morar aqui no Vão, nesse lugar que foi denominado *Fazenda Claro*, terra doada pelo sr. Zequinha Bento, sogro e tio do Sr. Romeu e que era, vamos dizer, um latifundiário por essas bandas, possuindo, aqui, muitos alqueires de terra. Inclusive, Dona Corina, irmã de Dona Veride, e seu esposo, o Sr. Antonio Queiroz (o Sr. Nico), já moravam no Campo Alegre, também em terras doadas por ele.

O casal, então, aqui aportou e começou a vida, certamente com o incentivo do patriarca Zequinha Bento. Quando aqui chegaram, moraram numa casinha de pau-a-pique, sem nenhum conforto, onde nasceu o nosso querido Tião Rabelo (Tião Romeu). Passado algum tempo, contrataram Zé Balbino e José das Dores para a construção desta casa. O que confere maior brilho ao feito é que eles buscaram a madeira na *Mata do Deus me livre*, de carretão, pois não havia carro-de-bois. E foi nesta casa, reformada em estilo original por Jeovanine, José Ronaldo e Leonardo e, atualmente, remodelada por Jeovanine, que nasceram os outros filhos do casal: José

Rabelo, Amador (que, infelizmente não se encontram mais entre nós), Eustáquio, Elias e Djalma (que Deus tão cedo levou).

Sr. Romeu e Dona Veride, casal que muito trabalhou! Lutaram, sofreram, criaram os filhos e venceram muitos obstáculos e pedras em seus caminhos. São de nós todos, a origem e a razão. Dona Veride! Mulher de espírito avançado para sua época. Culta por natureza, aprendeu a ler e escrever na escola da vida. Gostava de que os filhos estudassem. De grande religiosidade, recebia os padres que vinham de Paracatu a caminho de Vazante e tratava-os sempre como “mandava o figurino”. Recebia, também, os caminhoneiros e viajantes, que por aqui transitavam. Sua casa, ponto de parada e pouso. Santuário da família e do acolhimento. Sr. Romeu! Homem influente na política e comprometido com o campo, ocupou cargo de vice-prefeito de Vazante, sempre morando e cuidando da *Fazenda Claro*: a menina de seus olhos.

Afirmou-se, contudo, a morte. Prematuramente, D. Veride adormeceu para sempre. Por 18 anos viúvo, Sr. Romeu casou-se novamente com Maria Olívia Machado (A Fia), criando, aqui, desde seus primeiros meses de vida, sua filha de coração: a Maria das Graças, que hoje está conosco nesse encontro. Seja bem-vinda ao seio da Família Rabelo, seu antigo lar, querida Das Graças. Temos a certeza de que esta casa é palco de muitas recordações felizes de sua infância.

E nesta mesma casa, os filhos genros e noras e netos (até então não havia bisnetos) se reuniam. Aqui, era o refúgio dos Rabelos visitantes, dos Rabelos-retirantes, dos sempre-presentes Rabelos. Prantos e sorrisos, causos e desabafos, todos presentes nas paredes dessa construção. Esta casa também testemunhou o princípio e o ocaso de muitas gerações. Quanta gente fez parte desse lugar e da vida das pessoas que aqui viveram...e vivem, em nossa memória: Vó Tuninha, Divino (o anjo desta casa e o grande companheiro de Dona Veride, Sr. Romeu, da Fia e pajem da Maria das Graças); compadre Negrinho, Dilson (nosso querido Tim), Izonira e seus filhos: Vilma e Vilson. Izonira, Vilson e esposa participam desse encontro conosco. Obrigada, Izonira, nós muito devemos a você!

Desse lugar, e daqueles que por aqui passaram, levaríamos horas para enumerar tantas ocorrências, vivências mil. Paremos aqui e viajemos até Santa Rosa, onde viveu outro casal e sua família, razão, também, desse nosso encontro fraterno.

Outro galho dessa grande árvore dos Rabelo e Assunção: Sebastião Rabelo de Araújo (Sr. Célio) e Zilda Assunção, os quais contraíram matrimônio em 15 de junho de 1938. Apesar de já estarem com sua casa construída, ali mesmo, na fazenda Santa Rosa, próximo à sede dos pais, eles foram morar com Sr. Zequinha e Dona Ducha, pois Zilda era a filha mais nova e conseqüentemente, o velho casal quis que a filha e o genro (também sobrinho), continuassem morando em sua companhia.

Os anos foram passando e, em outubro de 1953, quando o ser. Célio e Dona Zilda já estavam planejando a sua mudança para o Vão, em terras doadas pelo sr. Zequinha, a mão caprichosa do destino mudou toda história.... Dona Ducha veio a falecer, o que fez com que eles desistissem da mudança e continuassem ali, a fim de dar apoio e cuidar do velho patriarca da família. E, ali, foram ficando e criando sua família; seus filhos Sebastião, José, Lázaro, Prudenciana, Cândido (O Candico), Fernando e Geraldo. Geraldo e Lázaro faleceram ainda crianças, e José, Deus o levou com mais ou menos 30 anos de idade.

E o tempo continua implacável!

Após 2 anos e 6 meses da partida de Dona Ducha, a morte se fez presente na família, mais uma vez...Em abril de 1956, sr. Zequinha Bento faleceu. Após esse desenlace, o casal permaneceu na fazenda até 1961, quando mudaram para Coromandel, tendo o seu filho mais novo, Fernando, apenas 6 anos de idade. A residência era um casarão na antiga saída da Abadia, onde permaneceram até dezembro de 1970, quando voltaram para a fazenda. Em 1977, Fernando retornou para Coromandel e eles, não aguentando ficar sozinhos, acompanharam o filho. Sr. Célio e Dona Zilda ficaram nessa trajetória de idas e vindas, ora morando na fazenda, ora em Coromandel.

Em 12 de julho de 1979, enquanto aguardavam a construção de sua casa, na rua Melo Viana, Sr. Célio retornou à casa do Pai. Perda irreparável, principalmente para sua esposa, pois foram longos anos de convivências, dificuldades vencidas e grandes alegrias. Em sua nova residência, Dona Zilda morou com Fernando até um ano após ele se casar e, depois com Prudenciana e família, que cuidaram dela com muito carinho, até seu falecimento em fevereiro de 2002. Prudenciana, que por tantos anos cuidou de sua mãe e Sebastião (comumente chamado de Tião do Tio Célio), homem

trabalhador e amante da vida na fazenda, infelizmente, também já nos deixaram...

E aqui estão, resumidamente, retalhos da vida desses casais, lutadores, grandes chefes de família: Romeu e Veridiana, Célio e Zilda.

E para avivarmos um pouco as nossas lembranças e para conhecimento dos Rabelos mais novos, rapidamente, um pouco de poesia acerca de como surgiu a raiz, o tronco e esses dois galhos da Família Rabelo.

## POEMA

### REVIVENDO A HISTÓRIA

#### Dulce Maria

*Do além-mar, há muitos séculos passados,  
Homens bravos, ilustres, heróis talvez...  
Vieram espalhar aqui a sua raça.  
Quando? A mando de quem? Por quê?  
Ninguém sabe ao certo, são histórias mil  
Que mal entendemos em nossa pequenez...*

*Rabelo...De Portugal herdamos esse nome,  
Cujo passado de lutas e heroísmos  
É cantado de geração em geração.  
E hoje, após séculos de vida,  
Dois galhos desse tronco unem suas mãos.  
Quantos já se foram! ...  
De alguns, ninguém mais se lembra!  
O tempo, inexoravelmente,  
Encarregou-se de apagar seus feitos, suas glórias,  
Mas outros...e não são poucos,  
Continuam vivos nas memórias.*

*Voltemos, um pouco, agora, ao passado,  
Quando o jovem Sebastião Rabelo de Araújo  
Escolheu Prudenciana Leopoldina de Resende,  
Para sua esposa e companheira.  
União na qual foram gerados  
Sete filhos, quais rebentos de oliveira.  
João, Domingos e Gustavo,  
Raulindo, Mria e Sebastião Rabelo,*

*Que por Célio todos conheciam,  
Formaram juntamente com Manoel,  
O nosso querido e saudoso “Sr. Romeu”,  
Os irmãos que para trabalhar viviam.*

*Falemos, aqui também, de outra pessoa:  
José Joaquim de Assunção, “Zequinha Bento”  
Homem de pulso, exigente, de grande austeridade,  
Em sua fazenda, na chamada Santa Rosa,  
Junto da esposa Cândida Silvéria, “Dona Ducha”,  
Com garra e trabalho ia deixando  
Um legado de bens à sua posteridade.*

*E dessa árvore de raízes bem profundas  
Muitos galhos dali se originaram.*

*Quantos filhos criaram!*

*Seus: Maria da Silvéria, Sebastiana, Corina e Maria José,  
João, Veridiana, Geraldo, Osvaldo e Zilda Assunção;*

*E também Izaltina, filha de outros pais.*

*Corações grandes, como grande era sua casa...*

*Parecia até que ali morava,*

*Não uma família, mas duas ou até mais...*

*E o jovem Romeu, homem bonito de porte e de alma,*

*Uniu seu coração ao da moça Veridiana*

*Cuja família era também a dele,*

*Pois seus pais eram irmãos, parte de mãe.*

*E a história dos dois então se irmana!*

*Seu temperamento forte, o coração magnânimo,*

*Foram marcos grandes em sua vida*

*Semeada de trabalho e honestidade.*

*E esta herança sagrada foi por seus filhos,*

*Netos e bisnetos recebida*

*E dona Veridiana, mulher tranquila,*

*De olhar sereno, religiosidade privilegiada,*

*Com garra e altivez ia seguindo*

*Os passos do esposo, na longa caminhada.*

*Tinha grande visão da vida!*

*Estudou pouco, mas para seus filhos  
Ela sonhava alto, e pra isso ela lutou,  
Talvez contra tudo e contra todos.  
Para a cidade, um dia, ela os levou,  
A fim de que os mesmos alcançassem  
Aquilo que, sempre, ela sonhou...  
Foi difícil? Seria injusto afirmar que não;  
Mas, pelo menos, uma parcela conquistou.*

*E a história continua...*

*Sebastião Rabelo de Araújo, Sr. Célio,  
Repete, por sua vez, a história do irmão...  
Enamorou-se pela irmã de Veridiana  
E, casando-se com ela, entrelaçaram-se  
Quatro elos de amor e de união.*

*Sr. Célio, lembro-me bem,  
Pequeno no tamanho, voz tranquila  
Em sua casa, na antiga saída da Abadia,  
Ao lado da esposa dona Zilda  
Enfrentaram juntos e venceram  
Muitas lutas reservadas pela vida.  
Com seu jeitinho sempre brincalhão  
Em seus netos ele colocava apelidos  
E isto pra eles, certamente,  
Ecoava como música em seus ouvidos...*

*Dona Zilda, grande acolhedora  
Dos netos que em sua casa recebia  
Para uma visita de amor ou pra estudar  
Quando da fazenda pra Coromandel eles iam.  
Um grande amor a Deus e muitas orações  
A todos ela sempre ensinava*

*E da Santa Missa, aos domingos  
Era com eles que participava.  
Com seus olhos tão azuis podia transmitir  
Muita doçura, mas, ao mesmo tempo,  
Certo nervosismo, quando um assunto lhe desagradava.*

*Manoel ou Romeu, Sebastião ou Célio,*

*Não importam os nomes!  
Eles foram troncos dessas famílias pioneiras.  
E como rochas souberam, como nunca,  
Ser esteios, ser exemplos, ser celeiros  
E, como os outros, tinham orgulho  
Em dizer: "Eu sou Rabelo!"*

*E dessas duas famílias: Rabelo e Assunção  
Que, ao longo do tempo, tornaram-se uma só,  
Muitos casos são contados,  
Muitos nomes são lembrados  
Rememorando um passado de glórias e feitos  
Que edificaram a fama de uma raça,  
Cujas gerações se orgulham de seus antepassados.*

*Por isso, cantemos juntos o hino da alegria  
Salmodiando agradecidos  
A vida e a família ora reunidas.  
Que nossos corações possam guardar  
A imagem viva desse nosso encontro,  
Os momentos belos, os choros, os abraços,  
Através do tempo e da distância,  
Qual uma flor que fica,  
Entre páginas de um livro, ressequida!*

Portanto, meus caros, guardemos a certeza de que esta casa, que ora nos acolhe, e a Fazenda *Santa Rosa*, foram palcos de muitas histórias. Sejam, pois, guardadores dessas relíquias. Amanhã, seremos nós as menções a esse tempo que, hoje, intitulamos presente. Posteriormente, também seremos memória. Esta é a nossa missão: retornar à Luz que nos embala vivos. Será, então, sina dos Rabelinhos, reportar-nos à posteridade, eterno ciclo imortal.

E, fazendo desse encontro um momento de alegrias, abraços, de matar a saudade, mas sobretudo de esperança, de união forte e duradoura entre nós, faz-se necessário pedirmos a proteção, uma benção especial e a presença de Deus, nesse momento. Para tanto, passamos a palavra para Monsenhor Augusto que, gentilmente, aceitou nosso convite.